

CONTROLE DE SURTOS HOSPITALARES: EFETIVIDADE DAS COMISSÕES DE CONTROLE DE INFECÇÃO NA PREVENÇÃO E GESTÃO

Djalma Roncy Queiroz Vieira¹;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Kareene Olímpia Fernandes Souza de Vasconcelos²;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Regiane Mary Vasconcelos Chaves³;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Maria de Jesus Lopes de Abreu⁴;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Fabiana Freire Anastacio⁵;

<http://lattes.cnpq.br/8520097291806874>

Alanna Elcher Elias Pereira⁶;

<https://orcid.org/0000-0001-9516-1883>

Jose Erivelton de Souza Maciel Ferreira⁷.

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Ceará.

<https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

RESUMO: O objetivo deste estudo foi sintetizar e refletir as evidências disponíveis sobre o papel das Comissões de Controle de Infecção Hospitalar na prevenção e manejo de surtos infecciosos em ambientes hospitalares. Realizou-se uma revisão narrativa da literatura, utilizando bases de dados eletrônicas como PubMed, Scielo e BVS, abrangendo publicações dos últimos dez anos. A busca incluiu artigos originais, revisões de literatura, diretrizes e estudos de caso que fornecessem informações detalhadas sobre as práticas e a eficácia das CCIH. A análise revelou que a implementação eficaz das práticas de controle de infecção pelas CCIH pode reduzir significativamente a incidência e a gravidade das IRAS. A higienização das mãos, a capacitação contínua dos profissionais de saúde e a modernização das técnicas de prevenção são fundamentais para a melhoria da segurança do paciente e para a redução dos custos associados ao tratamento de surtos neste ambiente. As evidências mostram que a adesão rigorosa aos protocolos de controle e a educação contínua dos profissionais são cruciais para a gestão eficaz de surtos e consequentes

infecções. A colaboração com instituições de saúde pública e a vigilância contínua são essenciais para otimizar as estratégias de controle e prevenção desses agravos. As Comissões de Controle de Infecção Hospitalar desempenham um papel vital na prevenção e gestão de surtos infecciosos, e suas práticas eficazes contribuem significativamente para a segurança do paciente e a redução dos impactos financeiros relacionados às infecções hospitalares.

PALAVRAS-CHAVE: Controle de Infecção. Comissões de Controle de Infecção Hospitalar. Infecções Relacionadas à Assistência em Saúde. Prevenção de Surtos. Segurança do Paciente.

HOSPITAL OUTBREAK CONTROL: EFFECTIVENESS OF INFECTION CONTROL COMMITTEES IN PREVENTION AND MANAGEMENT

ABSTRACT: The objective of this study was to synthesize and reflect on the available evidence regarding the role of Hospital Infection Control Committees (HICCs) in the prevention and management of infectious outbreaks in hospital settings. A narrative literature review was conducted using electronic databases such as PubMed, Scielo, and BVS, covering publications from the past ten years. The search included original articles, literature reviews, guidelines, and case studies that provided detailed information on HICC practices and effectiveness. The analysis revealed that the effective implementation of infection control practices by HICCs can significantly reduce the incidence and severity of Healthcare-Associated Infections (HAIs). Hand hygiene, ongoing healthcare professional training, and the modernization of prevention techniques are fundamental for improving patient safety and reducing costs associated with outbreak treatment in this environment. Evidence shows that strict adherence to control protocols and continuous education of professionals are crucial for effective outbreak and infection management. Collaboration with public health institutions and continuous surveillance are essential for optimizing control and prevention strategies for these conditions. Hospital Infection Control Committees play a vital role in preventing and managing infectious outbreaks, and their effective practices significantly contribute to patient safety and the reduction of financial impacts associated with hospital infections.

KEY-WORDS: Infection Control. Hospital Infection Control Committees. Healthcare-Associated Infections. Outbreak Prevention. Patient Safety.

INTRODUÇÃO

A Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) desempenha um papel crucial na prevenção e controle de infecções dentro de ambientes hospitalares. Desde a sua criação, a CCIH tem sido um componente essencial na promoção da segurança do

paciente e na garantia da qualidade dos cuidados de saúde (SOUZA, 2015). As infecções hospitalares representam um desafio significativo para as instituições de saúde em todo o mundo, sendo responsáveis por altas taxas de morbidade e mortalidade (SILVA, 2016).

A implementação de medidas eficazes de controle de infecção é fundamental para a redução da incidência de infecções nosocomiais. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 10% dos pacientes hospitalizados em países desenvolvidos e até 25% em países em desenvolvimento são afetados por infecções hospitalares (OMS, 2017). A CCIH tem a responsabilidade de desenvolver, implementar e monitorar estratégias de controle de infecção, garantindo a segurança dos pacientes e a qualidade do atendimento prestado (ALMEIDA, 2018).

As atividades da CCIH incluem a vigilância epidemiológica, a educação continuada dos profissionais de saúde, a implementação de protocolos de prevenção de infecções e a investigação de surtos (PEREIRA, 2019). A vigilância epidemiológica permite a identificação precoce de surtos e a implementação rápida de medidas de controle, minimizando a propagação de infecções (COSTA, 2020). Além disso, a educação continuada é fundamental para garantir que os profissionais de saúde estejam atualizados sobre as melhores práticas de controle de infecção (MARTINS, 2021).

A implementação de protocolos baseados em evidências científicas é outra atribuição importante da CCIH. Esses protocolos orientam as práticas dos profissionais de saúde, garantindo a uniformidade e a eficácia das medidas de controle de infecção (RODRIGUES, 2022). A investigação de surtos, por sua vez, envolve a análise detalhada dos casos de infecção, a identificação das causas e a implementação de medidas corretivas (FERREIRA, 2023).

O papel da CCIH na promoção da segurança do paciente é inquestionável. Estudos demonstram que a implementação de programas eficazes de controle de infecção pode reduzir significativamente as taxas de infecções nosocomiais, melhorando a qualidade do atendimento e reduzindo os custos associados (GONÇALVES, 2023). No entanto, a eficácia das ações da CCIH depende de diversos fatores, incluindo o apoio da administração hospitalar, a disponibilidade de recursos e a adesão dos profissionais de saúde aos protocolos estabelecidos (BARBOSA, 2024; OLIVEIRA, 2024).

O objetivo deste estudo foi sintetizar e refletir as evidências disponíveis sobre o papel das Comissões de Controle de Infecção Hospitalar na prevenção e manejo de surtos infecciosos em ambientes hospitalares, com ênfase nas práticas de controle, estratégias de mitigação e impacto das intervenções na redução da incidência e gravidade das Infecções Relacionadas à Assistência em Saúde (IRAS).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Diversos autores têm destacado a importância da CCIH na promoção da segurança do paciente e na garantia da qualidade dos cuidados de saúde (SOUZA, 2015; SILVA, 2016; ALMEIDA, 2018). A literatura aponta que a vigilância epidemiológica, a educação continuada, a implementação de protocolos baseados em evidências e a investigação de surtos são atividades essenciais para a eficácia das ações da CCIH (PEREIRA, 2019; COSTA, 2020; MARTINS, 2021).

Segundo Souza (2015), a vigilância epidemiológica é fundamental para a identificação precoce de surtos e para a implementação rápida de medidas de controle. A OMS (2017) ressalta que a vigilância epidemiológica permite monitorar as taxas de infecção, identificar tendências e implementar medidas preventivas de forma proativa. Além disso, a vigilância epidemiológica contribui para a formação de uma cultura de segurança no ambiente hospitalar, promovendo a conscientização dos profissionais de saúde sobre a importância do controle de infecções (ALMEIDA, 2018).

A educação continuada dos profissionais de saúde é outra atividade crucial da CCIH. De acordo com Pereira (2019), a capacitação contínua dos profissionais de saúde é essencial para garantir que eles estejam atualizados sobre as melhores práticas de controle de infecção. A educação continuada pode incluir treinamentos, workshops, palestras e distribuição de materiais educativos (COSTA, 2020). Estudos mostram que a educação continuada melhora a adesão dos profissionais de saúde aos protocolos de controle de infecção, reduzindo a incidência de infecções nosocomiais (MARTINS, 2021).

A implementação de protocolos baseados em evidências científicas é uma prática recomendada por diversos autores (RODRIGUES, 2022; FERREIRA, 2023). Esses protocolos são desenvolvidos com base nas melhores evidências disponíveis e orientam as práticas dos profissionais de saúde, garantindo a uniformidade e a eficácia das medidas de controle de infecção. A implementação de protocolos baseados em evidências tem se mostrado eficaz na redução das taxas de infecções nosocomiais e na melhoria da qualidade do atendimento (GONÇALVES, 2023).

A investigação de surtos é uma atividade complexa que envolve a análise detalhada dos casos de infecção, a identificação das causas e a implementação de medidas corretivas (FERREIRA, 2023). Segundo Barbosa (2024), a investigação de surtos é essencial para a compreensão das dinâmicas de transmissão das infecções e para a implementação de medidas eficazes de controle. A literatura aponta que a investigação de surtos contribui para a melhoria contínua das práticas de controle de infecção e para a prevenção de futuros surtos (OLIVEIRA, 2024).

Além das atividades mencionadas, a CCIH também desempenha um papel importante na promoção da segurança do paciente (SOUZA, 2015). Estudos demonstram que a implementação de programas eficazes de controle de infecção pode reduzir significativamente as taxas de infecções nosocomiais, melhorando a qualidade do

atendimento e reduzindo os custos associados (SILVA, 2016; GONÇALVES, 2023). No entanto, a eficácia das ações da CCIH depende de diversos fatores, incluindo o apoio da administração hospitalar, a disponibilidade de recursos e a adesão dos profissionais de saúde aos protocolos estabelecidos (BARBOSA, 2024).

A fundamentação teórica deste estudo destaca a importância da CCIH na prevenção e controle de infecções hospitalares. As atividades da CCIH, como a vigilância epidemiológica, a educação continuada, a implementação de protocolos baseados em evidências e a investigação de surtos, são essenciais para garantir a segurança do paciente e a qualidade do atendimento. A literatura aponta que a eficácia das ações da CCIH depende de diversos fatores, incluindo o apoio da administração hospitalar, a disponibilidade de recursos e a adesão dos profissionais de saúde aos protocolos estabelecidos (SOUZA, 2015; SILVA, 2016; ALMEIDA, 2018; PEREIRA, 2019; COSTA, 2020; MARTINS, 2021; RODRIGUES, 2022; FERREIRA, 2023; GONÇALVES, 2023; BARBOSA, 2024; OLIVEIRA, 2024).

METODOLOGIA

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão narrativa da literatura, com o objetivo de compilar e analisar as evidências disponíveis sobre o papel da CCIH no controle de surtos em ambientes hospitalares. A escolha pela revisão narrativa permite uma abordagem abrangente e crítica dos dados existentes, possibilitando uma reflexão aprofundada sobre o papel das CCIH na gestão e prevenção de surtos infecciosos (Bardin, 2011).

A busca por literatura foi realizada em bases de dados eletrônicas amplamente reconhecidas, como PubMed, Scielo e BVS, cobrindo publicações dos últimos dez anos. Esses bancos de dados foram selecionados devido à sua relevância e abrangência na área da saúde (Higgins et al., 2019). Utilizou-se uma variedade de descritores em saúde (DeCS), incluindo “controle de infecções”, “CCIH”, “infecções” e “surtos”, para garantir uma coleta abrangente e relevante de dados sobre o tema.

Adicionalmente, foram incluídos artigos de revisões anteriores, diretrizes de órgãos de saúde e publicações de revistas científicas reconhecidas, que oferecem uma visão consolidada e atualizada sobre o papel das CCIH (Rosenberg & Hickner, 2013). A revisão não buscou explorar todos os artigos disponíveis nas bases de dados ou em outras fontes de pesquisa, mas concentrou-se especificamente na reflexão sobre o papel das CCIH, considerando a relevância direta para o objetivo do estudo (Creswell, 2014).

Os critérios de inclusão foram definidos para garantir que apenas os estudos que abordassem diretamente as práticas e a eficácia das CCIH em ambientes hospitalares fossem considerados. Incluíram-se artigos originais, revisões de literatura, diretrizes, relatórios e estudos de caso que fornecessem informações detalhadas sobre as ações e impactos das CCIH (Liberati et al., 2009). Estudos que não apresentassem relação direta

com o tema principal ou que fossem publicados fora do intervalo de tempo estabelecido foram excluídos (Moher et al., 2015).

A análise dos dados selecionados foi realizada qualitativamente, com ênfase nos principais resultados, metodologias empregadas e conclusões sobre a atuação das CCIH (Guba & Lincoln, 1994). Esse processo de análise envolveu a identificação de padrões recorrentes, divergências nas abordagens e lacunas na literatura existente, o que permitiu uma síntese crítica das evidências coletadas. A análise qualitativa facilitou uma visão detalhada e interpretativa sobre o papel das CCIH no controle de surtos (Patton, 2002).

A síntese dos resultados foi organizada com base nos temas emergentes identificados na literatura revisada. Esses temas incluíram a vigilância epidemiológica, a educação continuada dos profissionais de saúde, os protocolos baseados em evidências e a investigação de surtos (Mays et al., 2005). Cada um desses temas foi discutido de forma detalhada, destacando como as práticas e estratégias das CCIH contribuem para a redução das infecções nosocomiais e para a promoção da segurança do paciente (Brinkmann & Kvale, 2015).

A revisão narrativa também permitiu uma análise das diferentes abordagens e metodologias empregadas pelas CCIH em diversos contextos hospitalares (Flick, 2018). Essa análise possibilitou uma compreensão mais ampla das práticas recomendadas e dos desafios enfrentados pelas CCIH na implementação de estratégias eficazes de controle de infecções. A discussão sobre as contribuições das CCIH foi enriquecida pela comparação entre diferentes estudos e contextos (Silverman, 2014).

O estudo ressaltou a importância das CCIH na formulação e execução de protocolos que visam prevenir surtos infecciosos e proteger a saúde dos pacientes e da equipe hospitalar (World Health Organization, 2021). A revisão das evidências destacou como a atuação eficaz das CCIH pode influenciar positivamente os índices de infecções nosocomiais e melhorar a qualidade dos cuidados prestados em hospitais. As conclusões obtidas fornecem uma base sólida para a prática e para futuras pesquisas na área (Strauss & Corbin, 1998).

Além disso, a revisão narrativa identificou várias áreas que ainda necessitam de investigação adicional. As lacunas encontradas na literatura existente foram discutidas, sugerindo possíveis direções para estudos futuros (Boote & Beile, 2005). Esses aspectos incluem a necessidade de mais pesquisas sobre a eficácia de determinadas estratégias e a implementação de novos protocolos de controle de infecções (Harris et al., 2013).

Finalmente, a revisão por pares do estudo garantiu a qualidade e a robustez das análises e conclusões apresentadas (Smith & Noble, 2014). A revisão por pares proporcionou um processo rigoroso de validação, ajudando a refinar os resultados e a assegurar a precisão e a relevância das interpretações feitas. A abordagem narrativa adotada contribuiu para uma visão integrada e crítica do papel das CCIH, oferecendo conhecimentos para a prática e para o desenvolvimento de estratégias de controle de surtos em ambientes hospitalares (Pope et al., 2000).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A eficácia das medidas de controle de infecção, quando implementadas adequadamente pelas Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH), é crucial para a mitigação dos danos e a redução das complicações e da mortalidade hospitalar. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) destaca que as mãos dos profissionais de saúde desempenham um papel fundamental no processo de assistência, atuando como principais vetores de transmissão de agentes infecciosos (ANVISA, 2022). A prática adequada e frequente de higienização das mãos é uma medida simples, mas extremamente eficaz, podendo reduzir em até 50% a incidência de infecções (PEREIRA et al., 2022).

Estudos mostram que surtos de infecções hospitalares são frequentemente associados a falhas na adesão a práticas de controle de infecção, como a higienização das mãos. Quando as medidas de controle não são seguidas rigorosamente, há um aumento significativo na propagação de agentes patogênicos, que pode culminar em surtos que afetam um grande número de pacientes simultaneamente (SILVA et al., 2020). Portanto, a adesão a práticas de higienização das mãos não apenas reduz a incidência de infecções, mas também diminui a probabilidade de surtos de infecções hospitalares.

A implementação sistemática de práticas de controle de infecção, combinada com a educação contínua dos profissionais de saúde e a atualização das técnicas de prevenção, pode resultar em uma redução considerável da frequência e da gravidade das infecções (OLIVEIRA et al., 2021). Em cenários de surtos hospitalares, a eficácia dessas medidas se torna ainda mais crítica. A rápida identificação e controle de surtos exigem que as equipes de saúde estejam bem treinadas e que sigam protocolos rigorosos para minimizar a propagação do patógeno.

Entre as Infecções Relacionadas à Assistência em Saúde (IRAS) mais frequentemente observadas em ambientes hospitalares, destacam-se as Infecções de Sítio Cirúrgico (ISC), Pneumonias, Infecções do Trato Urinário (ITU) e Infecções da Corrente Sanguínea (IPCS) (BRASIL, 2023). Esses tipos de infecções são frequentemente os responsáveis por surtos hospitalares, devido à sua alta capacidade de propagação e ao impacto significativo na saúde dos pacientes. A gestão eficaz desses surtos requer a implementação de medidas de controle rigorosas e uma resposta coordenada.

A contaminação por agentes infecciosos, que pode levar a surtos hospitalares, ocorre quando materiais ou ambientes contaminados entram em contato com pacientes. Pacientes com sistemas imunológicos comprometidos são particularmente suscetíveis a desenvolver complicações severas a partir dessas infecções, o que pode resultar em desfechos desfavoráveis, incluindo óbitos (FERREIRA et al., 2021). Portanto, a implementação de medidas rigorosas de controle de infecção é essencial para proteger esses pacientes vulneráveis e evitar surtos que possam agravar a situação.

A Associação Nacional de Biossegurança (ANBIO) relata que as infecções hospitalares afetam aproximadamente 1 em cada 5 pacientes internados, gerando custos estimados em até R\$15 bilhões por ano no Brasil (ANBIO, 2022). Além disso, cerca de 100.000 mortes anuais são atribuídas a infecções hospitalares. Esses números destacam a magnitude dos surtos hospitalares e a urgência de estratégias eficazes de controle de infecção. A resposta rápida e eficaz a surtos pode reduzir significativamente esses números e melhorar a segurança dos pacientes.

Além dos custos diretos associados ao tratamento de infecções, as IRAS também resultam em um aumento do tempo de internação e na necessidade de antibióticos para o tratamento de infecções bacterianas resistentes (MARTINS et al., 2021). A resistência bacteriana, muitas vezes exacerbada por práticas inadequadas de controle de infecção, representa um problema crescente. Surtos de infecções resistentes a antibióticos são particularmente desafiadores e exigem estratégias de controle mais sofisticadas e intensivas.

As práticas de controle de infecção promovidas pelas CCIH, incluindo a higienização das mãos e a desinfecção adequada de superfícies e equipamentos, são fundamentais para prevenir surtos hospitalares. A adesão a essas práticas reduz significativamente o risco de IRAS e contribui para um ambiente hospitalar mais seguro (OLIVEIRA et al., 2021). Durante surtos, a eficácia dessas práticas é crucial para limitar a propagação do patógeno e proteger tanto os pacientes quanto os profissionais de saúde.

A capacitação dos profissionais de saúde sobre práticas de prevenção de infecções é um componente essencial das estratégias de controle. Programas de educação e treinamento devem ser atualizados regularmente para refletir as melhores práticas e as novas evidências científicas. A eficácia desses programas pode ser avaliada pela adesão às práticas recomendadas e pela redução observada nas taxas de infecção e surtos (PEREIRA et al., 2022). A educação contínua é fundamental para manter a conscientização e garantir a aplicação consistente dos protocolos, especialmente durante surtos.

A modernização das técnicas de prevenção de infecções também desempenha um papel importante na gestão de surtos hospitalares. Inovações tecnológicas e metodológicas podem melhorar a eficácia das medidas de controle e permitir uma resposta mais ágil às ameaças emergentes. A integração de novas tecnologias no controle de infecções deve ser acompanhada de perto para avaliar seus impactos e benefícios durante surtos (SILVA et al., 2020; RODRIGUES et al., 2023). Investir em pesquisa e desenvolvimento é essencial para manter os protocolos de controle atualizados e eficazes.

A implementação de medidas de controle de infecção deve ser acompanhada por uma vigilância rigorosa e contínua. A coleta e análise de dados sobre taxas de infecção, adesão a protocolos e eficácia das medidas são fundamentais para identificar áreas de melhoria e ajustar as estratégias conforme necessário (BRASIL, 2023). Durante surtos, essa vigilância permite uma resposta rápida e eficaz, ajudando a conter a propagação do patógeno e a proteger a saúde dos pacientes.

Além das medidas internas, a colaboração com instituições de saúde pública e organismos reguladores é crucial. Parcerias com entidades externas podem fornecer suporte adicional e recursos para fortalecer as práticas de controle de infecção e garantir conformidade com as normas e diretrizes estabelecidas (ANVISA, 2022). O trabalho conjunto com autoridades de saúde pode ajudar a abordar questões emergentes e melhorar a abordagem geral para a prevenção de infecções, especialmente em situações de surtos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação eficaz das práticas de controle de infecção promovidas pelas CCIH é essencial para melhorar a segurança dos pacientes e reduzir o impacto econômico associado às infecções hospitalares. A contínua educação dos profissionais de saúde, a atualização das técnicas de prevenção e a colaboração com instituições de saúde pública são componentes-chave para enfrentar surtos hospitalares. A adesão rigorosa aos protocolos de controle e a análise contínua de dados são fundamentais para garantir a eficácia das estratégias de prevenção e promover um ambiente hospitalar mais seguro e eficiente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. L. Importância da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar. **Revista de Saúde Pública**, v. 52, n. 2, p. 123-129, 2018.
- ANBIO. Associação Nacional de Biossegurança. **Relatório Anual sobre Infecções Hospitalares**. São Paulo: ANBIO, 2022.
- ANVISA. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Manual de Procedimentos para Controle de Infecção**. Brasília, DF: ANVISA, 2022.
- BARBOSA, M. J. Desafios e Perspectivas para o Controle de Infecções Hospitalares. **Cadernos de Saúde**, v. 28, n. 1, p. 33-45, 2024.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BOOTE, D.; BEILE, P. Scholars before researchers: On the centrality of the dissertation literature review in research preparation. **Educational researcher**, v. 34, n. 6, p. 3-15, 2005.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manual de Prevenção e Controle de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.
- BRINKMANN, S.; KVALE, S. **InterViews: Learning the craft of qualitative research interviewing**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2015.
- COSTA, L. M. **Vigilância Epidemiológica e Controle de Infecções**. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 23, n. 3, p. 456-462, 2020.
- CRESWELL, J. W. **Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.

- FERREIRA, J. R.; SANTOS, M. L.; GOMES, A. P. **Controle de Infecções Hospitalares e Surtos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Saúde, 2021.
- FERREIRA, T. S. Investigação de Surtos em Ambientes Hospitalares. **Jornal de Enfermagem**, v. 40, n. 4, p. 567-574, 2023.
- Flick, U. **An introduction to qualitative research**. 6. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.
- GONÇALVES, A. P. Impacto da CCIH na Qualidade do Atendimento Hospitalar. **Revista de Medicina**, v. 59, n. 5, p. 789-795, 2023.
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. **Competing paradigms in qualitative research**. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). Handbook of qualitative research. Thousand Oaks: Sage Publications, 1994. p. 105-117.
- HARRIS, M. J., et al. Effective infection control in hospitals. **Journal of Hospital Infection**, v. 85, n. 2, p. 88-97, 2013.
- HIGGINS, J. P., et al. **Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions**. Chichester: Wiley, 2019.
- LIBERATI, A., et al. The PRISMA statement for reporting systematic reviews and meta-analyses of studies that evaluate health care interventions: explanation and elaboration. **PLoS Medicine**, v. 6, n. 7, e1000100, 2009.
- MARTINS, A. P.; OLIVEIRA, R. F.; ALMEIDA, L. C. **Antibioticoterapia e Resistência Bacteriana**. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Médica, 2021.
- MARTINS, F. P. Educação Continuada em Controle de Infecção. **Boletim de Saúde**, v. 36, n. 2, p. 234-241, 2021.
- MAYS, N.; ROBERTS, E.; POPAY, J. **Synthesizing research evidence**. In: MAYS, N.; POPE, C. (Ed.). Qualitative research in health care. London: BMJ Books, 2005. p. 188-220.
- MOHER, D., et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA Statement. **PLoS Medicine**, v. 6, n. 7, e1000097, 2015.
- OLIVEIRA, F. C.; PINHEIRO, P. R.; CARVALHO, T. L. **Práticas de Controle de Infecção em Ambientes Hospitalares**. Porto Alegre: Editora Saúde, 2021.
- OLIVEIRA, R. A. Perspectivas Futuras para a CCIH. **Revista de Saúde Pública**, v. 53, n. 1, p. 12-19, 2024.
- OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Global sobre Infecções Hospitalares**. Genebra: OMS, 2017.
- PATTON, M. Q. **Qualitative research & evaluation methods**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2002.
- PEREIRA, T. S.; ALMEIDA, C. J.; LIMA, V. A. **Educação e Capacitação em Controle de**

Infecção. Curitiba: Editora Acadêmica, 2022.

POPE, C.; ZIEBLAND, S.; MAYS, N. Qualitative research in health care: analysing qualitative data. **BMJ**, v. 320, n. 7227, p. 114-116, 2000.

RODRIGUES, L. C.; SOUZA, E. P.; FREITAS, N. M. **Economia e Eficiência nas Práticas de Controle de Infecção.** Recife: Editora Universitária, 2023.

RODRIGUES, M. C. Protocolos Baseados em Evidências para o Controle de Infecções. **Saúde e Pesquisa**, v. 45, n. 3, p. 345-353, 2022.

ROSENBERG, M. L.; HICKNER, J. Infection control in the hospital setting: a systematic review of best practices. **American Journal of Infection Control**, v. 41, n. 4, p. 329-336, 2013.

SILVA, H. A. A Incidência de Infecções Nosocomiais em Hospitais Brasileiros. **Revista de Epidemiologia**, v. 25, n. 2, p. 223-229, 2016.

SILVA, R. M.; MORAIS, D. L.; BARBOSA, A. M. **Atualizações em Controle de Infecção e Prevenção de Surtos.** Fortaleza: Editora Clínica, 2020.

SILVERMAN, D. **Interpreting qualitative data.** 5. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 2014.

SMITH, J. K.; NOBLE, H. Reviewing research studies in healthcare settings: A guide to systematic reviews. **Healthcare Research & Quality**, v. 2, n. 1, p. 37-47, 2014.

SOUZA, E. F. O Papel da CCIH na Segurança do Paciente. **Revista de Saúde**, v. 30, n. 1, p. 45-51, 2015.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques.** 2. ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

VANCOUVER, A. **Descritore em Saúde (DeCS):** Um guia de uso. Biblioteca Virtual em Saúde. Disponível em: <https://www.bvs.br>. Acesso em: 15 jul. 2024.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Infection prevention and control.** Geneva: WHO, 2021.